



**José Lourenço**

## O sexto sentido

Atribuído principalmente às mulheres, parece corresponder a uma forma de apreensão directa de determinados factos por métodos não racionais.

Nas minhas deambulações por obras que reflectem filosofias de vida diferentes da nossa (baseadas nos cinco sentidos), lembro-me de uma relacionada com uma cerimónia que podemos ver em templos orientais. Os visitantes, ao entrarem, têm acesso a várias pequenas salas, cada uma adornada com um deus ou divindade (por exemplo Guanyin - mãe de Buda, o deus da fortuna ou deus local da terra). Podem ter trazido o seu próprio incenso ou podem comprá-lo à entrada. Em seguida, escolhem um copo de bambu com varas de bambu fino e cada vara tem um número inscrito. Depois, em oração e com o cálice entre as mãos, agitam-no até que um pau saia do copo. A isso corresponde um desejo, ou uma orientação para uma decisão.

Para as nossas mentes racionalmente treinadas, fica a dúvida de se saber o que ganhamos e o que perdemos com esta prática. Em primeiro lugar, não temos consciência de perder o que quer que seja, pois a adivinhação ou decisão à sorte não é mais do que isso mesmo.

Numa dessas visitas, manifestei o meu cepticismo. A resposta que recebi foi:

*“Nós não renegamos raciocínio, mas não queremos depender só dele.*

*Imagine o caso de vocês, ocidentais, quando têm de decidir uma de duas ou mais coisas com uma data limite para apresentar a conclusão. A vossa mente luta dentro de si mesma, esgrimindo argumentos até que, chegada a hora e em estado de exaustão mental, o veredicto não é mais válido do que se tivesse sido decidido por intuição ou tirado à sorte.”*

De facto, o nosso raciocínio estruturado está longe de ser infalível, levando-nos a decisões que são atiradas para o cosmos onde se vai conjugar com outras variáveis, num infinito mar de pensamentos que originam as acções, provando-as certas ou erradas.

No novo livro de Dan Brown, Katherine Solomon é uma cientista que estuda um tema ainda pouco comum: a noética. Ela pesquisa principalmente a importância da força do pensamento e o potencial que o cérebro humano possui.

A palavra "noética" refere-se ao "saber interior", ou uma espécie de consciência intuitiva de acesso directo e imediato ao conhecimento, além do que está disponível aos nossos sentidos normais e poder da razão.

Tal como definido pelo psicólogo e filósofo William James, em 1902, noética está ligada a "estados de introspecção em profundidades insondáveis da verdade pelo intelecto discursivo. São iluminações, revelações, cheias de significado e importância que carregam consigo um senso curioso de autoridade...".

Não quero fazer a apologia do sexto sentido, da noética, ou das varinhas de bambu, mas podemos hierarquizar estas e outras vias do saber, como um denominador comum de desafio ao "exclusivamente racional", que pode reduzir a nossa vida a um filme a preto e branco. ■